

## **“O BRASIL ESTÁ DO NOSSO LADO”: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS BRASILEIROS SOBRE O CONFLITO ISRAELO-PALESTINO NAS MÍDIAS DIGITAIS<sup>1</sup>**

**“Brazil is on our side”: an analysis of Brazilians’ perception of the Israeli-Palestinian conflict in digital media**

**“Brasil está de nuestro lado”: un análisis de la percepción de los brasileños sobre el conflicto palestino-israelí en los medios digitales**

**Tales Gandi Veloso de Andrade<sup>2</sup>  
Claudilene Vanessa Gonçalves de Oliveira<sup>3</sup>  
Marcus Vinicius dos Santos Souza<sup>4</sup>  
Maria Cecília de Souza Andrade<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de uma pesquisa em grupo realizada por acadêmicos do sétimo período de Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), como fins de conclusão da disciplina “Política e Internet”, ministrada pela professora Dra. Janikelle Bessa.

<sup>2</sup> Graduando do 8º período de Ciências Sociais pela Unimontes; pesquisador junto ao Núcleo de Estudos Espaço Feminino (NEFE); professor extensionista no Núcleo de Atividades para Promoção da Cidadania (NAP-Unimontes); e bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). ORCID: 0000-0001-7173-1001. E-mail: ta.talesveloso28@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do 8º período de Ciências Sociais, pela Unimontes. ORCID: 0009-0007-5957-8914. E-mail: oliveiravanessa979@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduando do 8º período de Ciências Sociais pela Unimontes; estagiário junto ao Núcleo de estudos e pesquisa em Antropologia e Sociologia (NEPAS); bolsista de iniciação científica pela emenda parlamentar da Deputada Leninha Alves. ORCID: 0009-0004-3881-0479. E-mail: zbnmarcus21@gmail.com.

<sup>5</sup> Graduanda do 8º período de Ciências Sociais, pela Unimontes. ORCID:0009-0000-3072-0533. E-mail: [mariaceciandrade@gmail.com](mailto:mariaceciandrade@gmail.com).

**Artigo submetido em: 02 de fevereiro de 2024.**

**Artigo aceito em: 04 de abril de 2024.**



**Resumo:** Observado os últimos embates ocorridos no Oriente-Médio, que elevaram o conflito israelo-palestino novamente à evidência midiática, esse artigo tem por objetivo analisar a percepção dos brasileiros sobre tais acontecimentos. Dado à inserção dos indivíduos em um mundo hiperconectado, aquilo que convém chamar de *sociedade em rede*, este estudo busca identificar, através das redes sociais, a formação de redes de indignação entre os brasileiros e possíveis posicionamentos político-ideológicos acerca do conflito em questão, além disso, analisa-se o alcance e relevância das mídias digitais no trabalho de notificação de tais acontecimentos. Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, que analisou o conteúdo de uma amostra contendo 32.660 comentários realizados em postagens de três grandes veículos de notícia brasileiros, inseridos na rede social Instagram. Dentre os resultados, foi possível identificar a formação de redes de indignação bem definidas entre tais usuários, tanto em defesa de israelenses quanto de palestinos. Observou-se, também, que tais redes encontram-se bastante alinhadas aos espectros políticos-ideológicos que marcaram as últimas eleições brasileiras. Por fim, foi possível notar que, na busca por informação, os brasileiros acessam mais os veículos de comunicação “alternativos” do que propriamente aqueles de jornalismo profissional.

**Palavras-chave:** Brasileiros; Conflito Israelo-palestino; Mídias Digitais; Percepção.

**Abstract:** Observing the latest clashes that took place in the Middle East, which brought the Israeli-Palestinian conflict back to the media, this article aims to analyze Brazilians' perception of such events. Given the insertion of individuals in a hyperconnected world, what should be called a network society, this study seeks to identify, through social networks, the formation of networks of indignation among Brazilians and possible political-ideological positions regarding the conflict in question. Furthermore, the reach and relevance of digital media in reporting such events is analyzed. This is a qualitative investigation, which uses the content analysis technique to investigate a sample containing 32,660 comments made on posts from three major Brazilian news outlets, included on the Instagram social network. Among the results, it was possible to identify the formation of well-defined networks of indignation among Brazilians, both in defense of Israelis and Palestinians, it was also observed that such networks are quite aligned with the political-ideological spectrums that marked the last elections. Finally, it was possible to notice that, when searching for information, Brazilians access more “alternative” media outlets than professional journalism outlets.

**Keywords:** Brazilians; Israeli-Palestinian conflict; Digital media; Perception.

**Resumen:** Observando los últimos enfrentamientos ocurridos en Medio Oriente, que devolvieron el conflicto palestino-israelí a los medios de comunicación, este artículo tiene como objetivo analizar la percepción de los brasileños sobre tales acontecimientos. Dada la inserción de los individuos en un mundo hiperconectado, lo que debería llamarse sociedad red, este estudio busca identificar, a través de las redes sociales, la formación de redes de indignación entre los brasileños y posibles posiciones político-ideológicas frente al conflicto en cuestión. Se analiza el alcance y relevancia de los medios digitales a la hora de informar sobre este tipo de eventos. Se trata de una investigación cualitativa, que utiliza la técnica de análisis de contenido para investigar una muestra que contiene 32.660 comentarios realizados en publicaciones de tres importantes medios de comunicación brasileños, incluidos en la red social Instagram. Entre los resultados, fue posible identificar la formación de redes bien definidas de indignación entre los brasileños, tanto en defensa de israelíes como de palestinos, también se observó que dichas redes están bastante alineadas con los espectros político-ideológicos que marcaron las últimas elecciones. Finalmente, se pudo constatar que, en la búsqueda de información, los brasileños acceden a más medios de comunicación “alternativos” que a los medios de periodismo profesional.

**Palabras-clave:** brasileños; conflicto palestino-israelí; Medios digitales; Percepción.

## Introdução

---

**Artigo publicado em: 22 de abril de 2024.**

Disputas territoriais são fenômenos recorrentes na história da humanidade, em decorrência delas, impérios surgiram e caíram, governos foram legitimados e destituídos, Estados Nacionais triunfaram ou entraram em desgraça. Na contemporaneidade, tais disputas ainda persistem em várias localidades do mundo, realidade que não escapa a nenhum continente: na África, pode-se citar o conflito por independência entre Sudão e Sudão do Sul; na Ásia, a disputa pela caxemira, entre Índia, China e Paquistão; na América, a crise fronteiriça entre Guiana e Venezuela pelo território de Essequibo; na Europa, recentemente, a Guerra entre Rússia e Ucrânia, que se anuncia desde a anexação da Criméia. No entanto, na visão de Rocha (2015), nenhuma dessas disputas tomou as proporções assumidas por um conflito em especial, esse, por sua vez, localizado no Oriente-Médio, o conflito envolvendo Israel e Palestina, embate que se desenrola desde 1947, a partir da partilha da Palestina pela Organização das Nações Unidas (ONU), responsável pela criação de dois Estados, um árabe e outro judeu. Nessa perspectiva, tal conflito se tornou uma das mais conhecidas, e longas, disputas territoriais da atualidade.

O conflito israelo-palestino, como ficou conhecido, é uma disputa histórica, com início que remonta a meados do século XX, mas que ainda permanece vivo, ora ou outra, se inflamando. Tal conflito sofreu novos desdobramentos recentemente, mais precisamente em outubro de 2023, com os ataques deflagrados pelo grupo extremista Hamas, que resultaram na declaração de guerra de Israel, fato que levou ao desencadeamento de uma série de embates, permeados por violência, destruição, vítimas, bem como o aumento da austeridade e intolerância étnica entre israelenses e palestinos, como resultado, nota-se o afloramento de novas ondas discriminatórias antisemitas e islamofóbicas, não só no Oriente Médio, mas em todo o mundo.

Paola de Orte, correspondente pela Globo News no Oriente-Médio, em um *tweet*, na plataforma X, afirma o receio e a desconfiança da população com os repórteres e estrangeiros em meio ao conflito israelo-palestino. Por outro lado, a repórter pontua um fato interessante, a percepção, tanto por palestinos quanto por israelenses, do Brasil como aliado de suas causas:

Cobrir uma guerra como esta é ouvir sempre a pergunta: “de onde você é?” com olhar de desconfiança e ansiedade de quem faz. Responder “Brasil” sempre tem a mesma reação: um sorriso de alívio e o comentário “O Brasil está do nosso lado”. Tanto de israelenses quanto de palestinos (ORTE, 2023).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> ORTE, Paola. X (formerly Twitter), 2023. Disponível em: <<https://twitter.com/paoladeorte/status/1712905765353144664>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Ao contrário de países como Estados Unidos (EUA), França e Alemanha, que possuem estreitas relações políticas e econômicas com Israel, acatando, majoritariamente, o lado Israelense no limiar dos novos desdobramentos, quer seja simbolicamente, como a projeção da bandeira israelense nos monumentos históricos, como os Portões de Brandemburgo, em Berlim, e na Torre Eiffel, em Paris, ou economicamente, como é o caso do extensivo apoio norte-americano a Israel, o Brasil, pelo menos inicialmente, manteve neutralidade mediante ao conflito, condenando os excessos entre os dois lados e se mobilizando em prol de acordos de paz, fazendo jus à sua histórica posição de diplomacia diante dos conflitos geopolíticos internacionais. Por outro lado, é importante se pensar a percepção dos brasileiros sobre esse conflito, será que os brasileiros acataram à suposta posição de neutralidade do seu governo? Na busca por respostas para essa e outras questões, esse estudo se desenvolve.

Portanto, este artigo tem por objetivo compreender o pensamento, a opinião e possíveis posicionamentos ideológicos dos brasileiros, nas redes digitais, acerca do conflito israelo-palestino. Nesse percurso, investiga-se, também, a atuação dos meios de comunicação de massa na cobertura do conflito em questão. Para isso, realizou-se um estudo de natureza qualitativa através da rede social Instagram, com a seleção de três veículos de notícias com relevância na rede, dois profissionais, o Portal G1, do grupo Globo, e o Portal R7, do grupo Record, e um meio de comunicação “alternativo”, a página de notícias e fofocas Choquei, gerida por Raphael Sousa. Para a análise acerca da percepção do público sobre o conflito, foram selecionadas três postagens, em momentos críticos do conflito, nas respectivas páginas.

Todos os comentários foram analisados à luz da técnica *análise de conteúdo*, que, de acordo com Bardin (1977, p. 31-34), “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações [...] tratar-se-ia, portanto, de um tratamento da informação contida nas mensagens”. Em síntese, a análise de conteúdo consiste na investigação minuciosa do texto, procurando informações objetivas e subjetivas ao conteúdo textual. Nesse processo, o software Voyant Data Tools foi de grande valia para a análise da amostra reunida, que totalizou 32.660 comentários, inerentes a nove *posts* realizados pelos três meios de comunicação selecionados.

Para fins estruturais, este artigo se encontra dividido da seguinte maneira: no primeiro capítulo apresenta-se, de maneira sintética, o histórico do conflito israelo-palestino, utilizando, para isso, essencialmente da perspectiva teórica de Ruan (2015) e Rocha (2015).

No segundo capítulo realiza-se uma reflexão sobre o papel das mídias digitais na criação de “redes de indignação social” diante do conflito israelo-palestino, conceito proposto pelo sociólogo Manuel Castells (2013). No terceiro e último capítulo, apresenta-se propriamente os dados e análises feitas acerca da percepção dos brasileiros sobre o conflito israelo-palestino, buscando identificar possíveis posicionamentos políticos-ideológicos destes.

### **Contextualizando: uma breve história do conflito israelo-palestino**

Apesar do conflito israelo-palestino ter sua origem datada a meados do século XX, essencialmente após a Segunda Guerra Mundial, para melhor compreender a relação entre judeus e árabes, tanto do ponto de vista étnico como religioso, é preciso regressar um pouco mais no tempo.

O Oriente-Médio é conhecido, dentre outras coisas, por ser berço das três grandes religiões monoteísta, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, conhecidas também como *religiões abraâmicas*, como tais, partilham de certa semelhança. O judaísmo é uma das religiões monoteístas mais antigas, tendo surgido por volta do século VII a. C., foi dela, inclusive, que se originou tanto o cristianismo, nascido no século I, quanto o islamismo, originado no século VII. Na percepção de Ruan (2015), antes do nascimento do islã, árabes e judeus conviviam em harmonia no Oriente-Médio, partilhando, inclusive, de uma origem muito próxima e de estilo de vida, hábitos e culturas muito semelhantes, sendo ambos considerados povos *semitas*. As diferenças entre esses dois povos começou a se acentuar a partir do ano 622, com a aparição do profeta Maomé, o nascimento da religião islâmica e a expansão do islamismo no Oriente-Médio. Em 632 a cidade de Jerusalém, considerada terra santa tanto por judeus, cristãos e muçulmanos, antes dominada pelos romanos cristãos, foi tomada pelos árabes de religião islâmica.

O Império Islâmico se expandiu e, em 721, já ocupava grande parte da Ásia, norte da África e sudeste da Europa, mas, apesar de tudo, os muçulmanos viviam em paz com as minorias judaicas e cristãs que ocupavam o território. Nesse período, o Império Muçulmano viveu dias de glória, como narra Ruan (2015, p. 14):

O ano 747 será marcado, então, pelo início de uma Era de Ouro que durará 400 anos; juntos, eles trazem à ciência progressos vertiginosos que irradiam até à Europa: é em Bagdá que se desenha o primeiro Mapa do Mundo, que se inventam os

algoritmos e que se desenvolve a Álgebra. É ainda em Bagdá que se constrói o primeiro observatório astronômico permanente.

Contudo, no século XI, com o cristianismo já forte na Europa, especialmente na França, Alemanha e Inglaterra, a igreja católica organiza movimentos militares com o propósito de expansão da fé católica. Na Europa e no Oriente-Médio as cruzadas perseguiram povos semitas e, em 1099, finalmente alcançaram Jerusalém. A conquista da cidade, considerada “santa”, deixou um rastro de massacre tanto de judeus quanto de árabes. Mas, passados 88 anos, os muçulmanos conseguiram retomar Jerusalém, no ano 1187 (RUAN, 2015).

Ao final do século XIV, a perseguição de povos semitas na Europa, principalmente judeus, pelos tribunais da inquisição, tornou sua vivência nesta região um grande desafio. Em 1492 um decreto assinado pela rainha e o rei da Espanha, expulsa os judeus de seus territórios e, em 1526, é a vez dos muçulmanos. Diante disso, os dois povos são igualmente reprimidos, como sentenciam Ruan (2015, p. 14): “Arrancados de seus lares, judeus e muçulmanos se tornam irmãos de exílio”. Dada à perseguição, muitos judeus fogem para países mais tolerantes, como Inglaterra, Holanda, França, Itália e várias localidades do Oriente-Médio, incluindo a Palestina.

Observando o cenário que se desenhou a partir do século XVI, é possível traçar um panorama bem delineado da influência geográfica das religiões, exceto o judaísmo:

Na África do Norte e no Oriente Médio predominava o islamismo; na Europa, o cristianismo. Em todos os lugares haviam judeus, e ao mesmo tempo a nenhum lugar eles pertenciam – o que não impediu, em terras islâmicas, uma grande proximidade entre eles e os árabes” (RUAM, 2015, p. 15).

Por outro lado, as grandes revoluções vividas pela Europa, primeiro a Reforma Protestante (XVI) e, posteriormente, a Revolução Francesa (1789-1799), atenuaram a perseguição e o ódio aos judeus, trouxeram, finalmente, o direito de livre credo para esse povo. O reconhecimento da igualdade levou à migração de muitos judeus aos países europeus, possibilitando, até mesmo, sua integração à elite econômica desses países, mas, por outro lado, tal aproximação também foi responsável por aflorar um sentimento de antissemitismo entre muitos europeus. Observando a situação de miséria de muitos judeus dispersos pelo mundo, e o sofrimento do “povo sem nação”, o jornalista Theodor Herzl escreve, em 1896, “O Estado Judeu”, livro em que argumenta não haver outra saída para o seu povo a não ser a

criação do seu próprio Estado, nascendo assim o movimento *sionista*, a busca pela criação de um Estado Nacional israelense.

A ideologia do sionismo é baseada em um sentimento nacional judaico, defendendo a existência de um Estado povoado por judeus na Terra de Israel (territórios de referência bíblica, prometidos por Deus ao povo judeu e que, segundo a tradição, se estendem do rio Nilo ao Eufrates, cobrindo, portanto, a Palestina, mas também a Cisjordânia, a Faixa de Gaza, o Líbano, a Síria, a Jordânia, uma parte do Iraque e uma parte do Egito). Em 1897, esse movimento é formalmente criado (RUAM, 2015, p. 16).

No início do século XX, com a Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano, que se estendia do norte da África, parte do Oriente-Médio até o sudeste da Europa, foi ameaçado de divisão pelas grandes potências da época, com a região da Palestina sendo reivindicada pela Inglaterra. Procurando apoio judeu e observando o crescente movimento sionista, Lord Balfour, estadista inglês, envia uma carta à federação sionista britânica defendendo a criação de um “lar nacional para o povo judeu na Palestina”, tal carta ficou conhecida como *Declaração de Balfour*, documento que teria papel importante na desestruturação da relação, até então, harmoniosa entre judeus e árabes. A seguir, ler-se um trecho do documento:

O Governo de Sua Majestade vê com favor o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu, e fará todos os esforços para facilitar a consecução deste objectivo, ficando claramente entendido que nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judaicas existentes na Palestina, ou os direitos e estatuto político desfrutados pelos judeus em qualquer outro país (WASHINGTON STATE UNIVERSITY, 2024).<sup>7</sup>

Em 1918, com a derrota do Eixo e vitória dos Aliados na Primeira Guerra, a Inglaterra finalmente toma posse da Palestina, contudo, a promessa da criação de um Estado judeu foi difícil de ser cumprida. Apesar disso, a carta foi vista com esperança pelo povo judeu, causando orgulho ainda nos dias atuais, mas, por outro lado, foi encarada como um gesto de traição por parte dos palestinos, o pontapé inicial para aquilo que afirmam ser um “colonialismo” do seu território.

Do findar da Primeira Guerra ao início da Segunda Guerra Mundial (1939-45), foi um momento crítico para a comunidade judaica, a ascensão dos regimes totalitários de natureza nazifascista, de forte teor antissemita, marcam a perseguição e extermínio étnico de judeus na

---

<sup>7</sup> A Declaração de Balfour em tradução livre, Washington State University (2024). Disponível em: <<https://brians.wsu.edu/2016/11/07/the-balfour-declaration-1917/>>. Acesso em: 23 jan. 2024.

Europa. Ao final do conflito, calcula-se um genocídio de mais de seis milhões de judeus, somente no holocausto alemão.

Antes mesmo das duas grandes guerras, os judeus sionistas do ocidente já afirmavam a região da Palestina como a “terra prometida” ao seu povo, por outro lado, os judeus que viviam no oriente não encaravam esse pensamento com tanta credulidade:

A Terra Santa, chamada Palestina pelos europeus (na época, sob o domínio do Império Otomano), é o território que o movimento sionista reivindica, em nome dos antigos reinos judeus que viveram na antiguidade. Para os judeus do Oriente, esse projeto pouco os interessava; era uma abordagem judaico-europeia (RUAN, 2015, p. 17).

No início do século XX milhares de judeus imigraram para a Palestina. Em 1918, com a Declaração de Balfour, ou seja, com a promessa de terra da Inglaterra aos judeus, mas principalmente durante os acontecimentos da Segunda Guerra, as ondas imigratórias se intensificam para a Palestina, com milhares de judeus refugiados se dirigindo ao território. Mediante as grandes levas de imigração judaica, os árabes classificaram tais movimentos como invasões. Nessa perspectiva, o nacionalismo árabe cresce juntamente com o movimento sionista, criando, pela primeira vez, o sentimento de repulsa entre os dois grupos étnicos, outrora tão próximos.

Com o Término da Segunda Guerra mundial, o mundo acompanhou chocado as atrocidades cometidas pelo regime nazista alemão, que resultou no extermínio de milhões de vidas judaicas. A partir desse momento, mais do que nunca, a reivindicação de um Estado judeu ganha notoriedade internacional. Em 1947, a Inglaterra abdicou sua posse sob Palestina, transferindo tal responsabilidade para a recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU). A ONU, então, em novembro do mesmo ano, declara a partilha da Palestina<sup>8</sup> entre Árabes e judeus:

[...] o processo de repartição e administração dos territórios definidos na partilha da Palestina pela resolução nº 181 da ONU, de 29 de novembro de 1947, que criou um Estado árabe e outro judeu, levando em consideração as populações que ali tinham se estabelecido historicamente, ou seja, as comunidades judaicas e árabes da Palestina (ROCHA, 2015, p. 1).

---

<sup>8</sup> A resolução da ONU determinou que o Estado judeu ocupasse cerca de 55% do território da Palestina e o Estado árabe 44% das terras, os outros 1% pertenceriam a uma zona internacional, incluindo Jerusalém e Lugares considerados Santos pelos dois povos.

Em 15 de maio, dia seguinte à transferência do poder da Inglaterra para o recém-criado Estado de Israel, os Estados árabes vizinhos à Palestina declararam guerra ao que consideravam uma ocupação ilegítima do território palestino pelos israelenses, dando início, assim, ao conflito israelo-árabe no Oriente-Médio. Portanto, a criação do Estado de Israel, pela ONU, levou a um conflito permanente, bem como à austeridade étnica entre dois povos antes muito próximos. Nesse contexto, a afirmação de Ruan (2015, p. 18) é ilustrativa do cenário que se desenhou no Oriente-Médio: “E enquanto o nascimento de Israel desperta raiva e amargura entre árabes e muçulmanos, no mundo judaico, porém, é de alegria e retomada do orgulho patriótico”.

Em 1949 Israel propôs acordos de paz com Egito, Líbano, Jordânia e Síria, expandindo, também, o seu território e sua zona de influência. Apesar da Guerra israelo-árabe ter durado pouco tempo, provocou uma imigração de mais de 700 mil palestinos, fugidos ou expulsos, para os países árabes vizinhos, como a Cisjordânia e o Líbano, fenômeno que ficou conhecido *Nakba*, que significa “catástrofe” em árabe. Passados dezoito anos, os ânimos voltam a se acirrar no Oriente-Médio, eclodindo, em 1967, um segundo conflito entre árabes e israelenses, dessa vez Egito, Jordânia e Síria, ficando conhecido como Guerra dos Seis Dias. Israel, que contou com o apoio bélico de potências ocidentais, saiu vitorioso deste conflito, o que permitiu uma expansão ainda maior do seu território sob a Palestina:

[...] durante a Guerra dos Seis Dias, ocorrem mudanças geopolíticas no Oriente Médio: na primeira noite do dia da guerra, metade da aviação árabe é destruída. Israel aproveita a oportunidade para conquistar Jerusalém Oriental, Cisjordânia, a Faixa de Gaza (territórios palestinos que foram passados em 1948 sob ocupação dupla da Jordânia e do Egito), assim como as Colinas de Golã e o Sinai egípcio. Essa ocupação militar, eventualmente, controla toda a vida dos habitantes da Cisjordânia e de Gaza, quase um milhão de pessoas. Toda uma geração de palestinos vai nascer e crescer neste regime dominante que é acompanhado pela anexação de terras palestinas por colonos israelitas (RUAN, 2015, p. 20).

Em reação à expansão israelense na Palestina, ocorreram, em 1987, movimentos de resistência contra tal avanço: as *intifadas*. As *intifadas* foram revoltas e rebeliões de civis palestinos, munidos com pedras, contra a ocupação do exército israelenses na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, isso porque a Palestina nunca contou com um exército oficial, grande parte disso se deve à dificuldade de organização do seu Estado Nacional. Mediante o episódio, Ruan (2015, p. 21) narra a desproporção de forças entre as duas partes, de um lado, palestinos, que nada têm além de pedregulhos encontrados no chão, de outro, israelenses, que contam

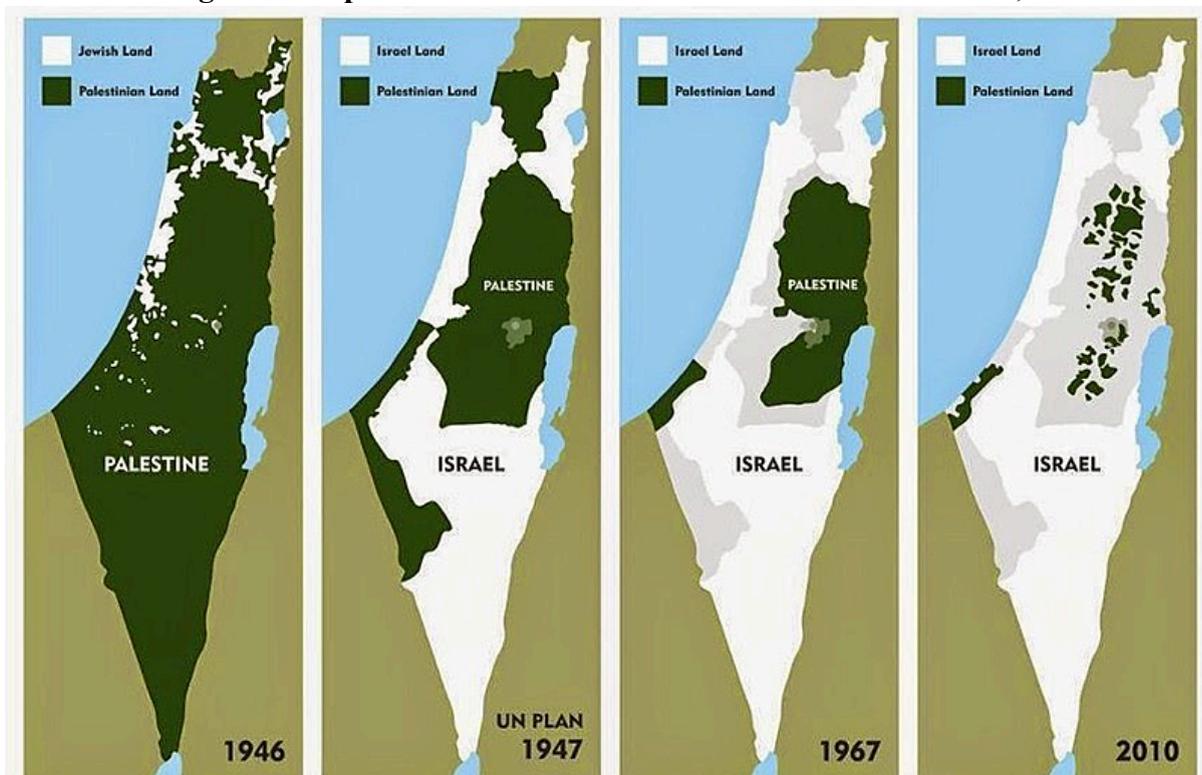
com um exército bem munido, treinado e com apoio do ocidente: “Essa Intifada, acompanhada de sua quota de frustrações e inconformismo decorrentes da colonização do território palestino, opõe jovens e adultos, armados com pedras e outras “armas” simples, contra o exército israelense altamente equipado”.

No início do século XXI os conflitos se atenuaram, com a retirada das tropas israelenses da Faixa de Gaza e de colônias na Cisjordânia, contudo, como pontua Ruan (2015, p. 19), a Faixa de Gaza permaneceu como o ponto de maior tensão entre os dois povos:

Após anos de negociações, em 2003, o Primeiro-Ministro Ariel Sharon anuncia a retirada integral da Faixa de Gaza. Em agosto de 2005, vinte e cinco colônias são desocupadas (sendo quatro na Cisjordânia), tanto pela polícia quanto pelo exército israelense. Em setembro do mesmo ano, o exército israelense deixa Gaza, pondo fim a trinta e oito anos de colonização. Apesar disso, a tensão entre 2006-2008 com os palestinos ainda continua forte. A região permanece até hoje o principal teatro do conflito israelo-palestino. [...] Vivenciou mais de onze guerras e insurreições civis.

A imagem 1 demonstra a espantosa expansão do território israelense, de 1946 a 2010, com a Palestina perdendo progressivamente o seu território, chegando a ser dividida ao meio, em duas regiões isoladas entre si, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia.

**Imagem 1 - Expansão Israelense e Perda de Território Palestino, 1946-2010**



Fonte: Alves (2023). Disponível em:

<<https://www.brasildefatopr.com.br/2023/10/09/palestina-apartheid-sionista-e-o-colonialismo-de-israel-sao-as-causas-da-conflito>>. Acesso em: 25 jan. 2024.

No ano de 2006 houve eleições legislativas na Faixa de Gaza, que levam o Hamas ao poder, partido de ideais extremistas, afloradas pelo revanchismo palestino, que prega o fim do Estado de Israel. Com a ascensão de grupos extremistas, Israel recusa dar continuidade às negociações de paz e promove investidas ao território Palestino, tanto na Faixa de Gaza quanto da Cisjordânia, assim, a tensão entre palestinos e israelenses volta a pairar sobre o Oriente-Médio (RUAN, 2015).

Ainda de acordo com Ruan (2015), entre 2011 e 2012, apesar das constantes opressões, a Palestina conquistou na ONU o *status* de Estado Observador não membro, e em 2015 teve sua bandeira hasteada na sede da ONU, em Nova York, ao lado das 193 bandeiras de outros países membros da organização.

Em nome da guerra declarada aos grupos extremistas que ameaçam a soberania de seu Estado, Israel avança sob o território palestino, investindo contra civis, bloqueando fronteiras, cerceando a liberdade e a economia do povo palestino, além disso, Israel reivindica a posse total de Jerusalém como sua capital. Diante dessas e de outras ocorrências, o Estado de Israel é acusado pela Palestina, e investigado pela ONU, por cometer crimes de guerra e crimes contra a humanidade, não só no território palestino, mas também contra os árabes que vivem em seu território, que são constantemente rechaçados e tratados como cidadão de segunda classe.

A ocupação militar israelense do território palestino impõe um preço exorbitante à economia palestina. Restrições impostas por Israel impedem os palestinos de ter acesso a grande parte de sua terra e a operar a maioria dos seus recursos naturais; eles isolam os palestinos dos mercados globais e fragmentam seu território em pequenos “cantões” não contínuos. [...] refletem uma atitude colonial inalterada de Israel, que teve como objetivo explorar os recursos naturais palestinos (incluindo a terra, a água e os recursos minerais) em benefício de sua própria economia (RUAN, 2015, p. 34-35).

O conflito tem sido marcado por guerras, atos terroristas, como os perpetrados recentemente, no dia sete de outubro de 2023, ocupações categóricas e violentas, mas, por outro lado, há também tentativas de resolução diplomática, incluindo o trabalho da ONU, contudo, até hoje, não foi completamente resolvido. O status de Jerusalém, o direito de retorno dos refugiados palestinos, as fronteiras e a segurança de Israel são algumas das

questões que continuam a alimentar o conflito, levando a acreditar que o caminho para a trégua parece cada vez mais longo e tortuoso.

### **Tecendo redes de indignação**

O sociólogo Manuel Castells é um dos grandes estudiosos da Era da Informação, sendo dele o termo “sociedade em rede”, utilizado para explicar o mundo hiperconectado, especialmente a partir do advento da internet. Castells (2013) é, também, um estudioso dos movimentos sociais que utilizam da internet como meio de expressar sua indignação, criando o que o autor chama de “redes de indignação”, como é o exemplo de mobilizações ocorridas no início do século no mundo árabe (Tunísia, Egito, Líbia e Síria), na Espanha e nos EUA.

Observando que os movimentos surgem não apenas como resultado da pobreza, mas também dependem de aspectos emocionais, Castells destaca a relevância de sentimentos como raiva, entusiasmo e medo, associados à busca por justiça, paz e liberdade. Por outro lado, apesar de serem organizados e estimulados pela internet, o autor observa que os movimentos sociais “de rede” só são reconhecidos quando ocupam os espaços públicos: "O espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares" (CASTELLS, 2013, p. 160).

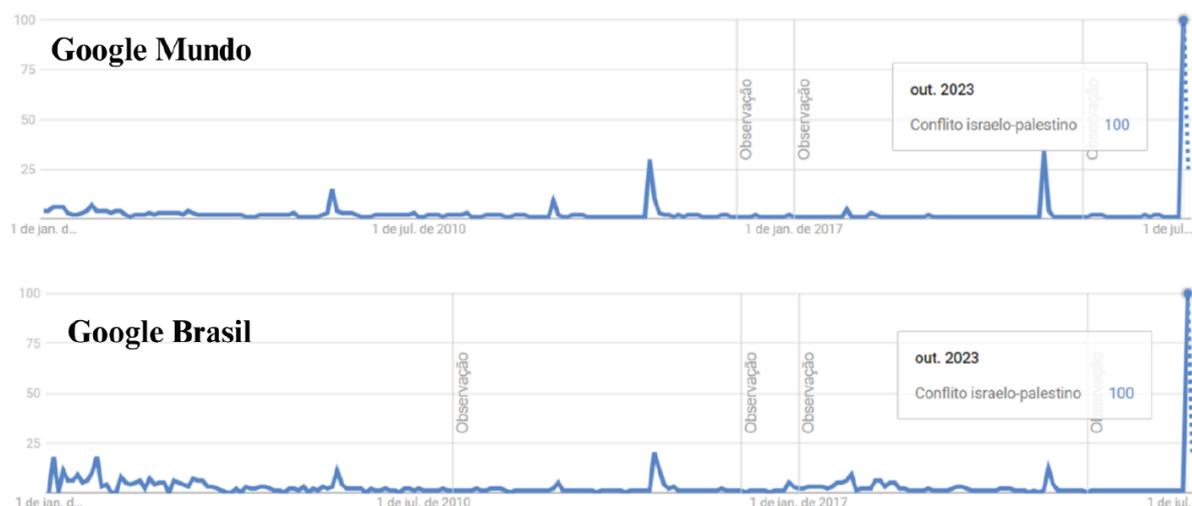
Aproximando a perspectiva de Castells para a discussão do conflito israelo-palestino, percebe-se, a priori, que, inseridos em um cenário de guerra, destruição e repressão, a organização de protestos que visam à ocupação dos espaços públicos aparentemente não é encarada como uma opção para ambas as partes, essencialmente para os palestinos. Para esses últimos, outras maneiras de resistência contra a ameaça ao seu território parecem fazer mais sentido, como é o caso das revoltas e dos motins, que tomaram corpo nas *intifadas*.

Mas, na atualidade, uma maneira eficaz, encontrada tanto por israelenses quanto por palestinos, é a utilização da internet para denunciar a situação de caos, destruição, violência e miséria a que enfrentam. Assim, a internet é utilizada essencialmente para a comoção da comunidade internacional. Nesse contexto, vídeos, fotos e transmissões ao vivo denunciam tragédias perpetradas pelos dois lados, se tornando uma grande arma para a criação de narrativas e conquista de aliados. São tecidas, assim, as redes de indignação, que tomam partido de um lado ou de outro do conflito, dando origem a movimentos pró-Israel ou pró-palestina ao redor do mundo.

### **A percepção dos brasileiros sobre o conflito israelo-palestino nas plataformas digitais**

As mídias digitais, vistas nos meios de comunicação inerentes à internet, são uma forte característica da contemporaneidade, uma expressão de um mundo hiperconectado, aquilo que o sociólogo Manuel Castells (2013) pontua como uma *sociedade em rede*. Nesse sentido, as redes sociais desempenham um papel relevante na comunicação e informação, hoje, por exemplo, não é incomum haver pessoas que afirmam se informarem, exclusivamente, pela internet. Diante disso, para compreender a percepção dos brasileiros acerca do conflito israelo-palestino, este estudo investigou três grandes veículos de notícia do Brasil, todos eles inseridos na rede social instagram: o Portal G1, o Portal R7 e a página Choquei. Nesse ínterim, procurou-se analisar, também, o alcance dessas três páginas e o seu trabalho em noticiar os fatos e acontecimentos do conflito em questão. Será possível identificar pontos de vista divergentes entre o público dos três veículos? Mas, antes disso, é importante compreender o interesse dos brasileiros, de forma geral, pelo conflito.

Nesse sentido, a ferramenta Google Trends, recurso estatístico inerente ao Google, ajuda a compreender o interesse dos usuários da plataforma por um determinado assunto, tanto no cenário brasileiro quanto em todo o mundo. Ao buscar pelo termo “conflito israelo-palestino”, é possível observar a evolução cronológica das pesquisas sobre ele, desde 2004 até a atualidade, como se observa na imagem 2. Assim, percebe-se que o ápice das pesquisas, tanto no mundo quanto no Brasil, se deu em outubro de 2023, justamente no período em que se observou os ataques perpetrados pelo grupo Hamas, com início no dia sete de outubro, que despertaram uma nova onda de confrontos no Oriente-Médio (imagem 2).

**Imagem 2 - Buscas pelo conflito israelo-palestino do Google, Mundo e Brasil, 2004-2023**

Fonte: criação própria a partir de dados do Google.

Ao analisar comparativamente os dois gráficos, percebe-se que as buscas pelo conflito, através do Google, são bastante semelhantes entre o público brasileiro e o público mundial, uma vez que os pontos de ápice e queda se dão praticamente no mesmo período. Sendo assim, é possível dizer que os brasileiros possuem um interesse pelo conflito semelhante ao do público mundial (GOOGLE TRENDS, 2023).

Apresentado esse panorama geral, essa pesquisa pretende investigar a percepção dos brasileiros, bem como possíveis posicionamentos destes acerca do conflito israelo-palestino na internet, para isso, utilizou-se como campo de análise a plataforma Instagram. A rede social instagram foi lançada em 2010 (13 anos) e, atualmente, conta com cerca de dois bilhões de usuários ativos mensalmente em todo o mundo, se tornado, assim, a terceira maior rede social, ficando atrás somente do Whatsapp e do Facebook. No Brasil, o Instagram conta com 113,5 milhões de usuários, o que representa mais da metade da população brasileira, se tornando, assim, a terceira rede social mais utilizada pelos brasileiros, ficando atrás somente do Whatsapp e do YouTube. Além disso, observa-se que o número de usuários brasileiros na plataforma se encontra acima da média mundial (SOUZA, 2023). O Instagram é uma rede social que conta com múltiplas funcionalidades, é utilizado como meio de comunicação, bate-papo, entretenimento, divulgação de fotos, vídeos, acompanhamento de celebridades, compra e venda, e também como veículo de notícias. Essa última funcionalidade é

amplamente encontrada na rede social, uma vez que se observa que as principais plataformas de notícias e veículos de imprensa contam com páginas na plataforma.

Dentre os veículos de imprensa profissionais com mais seguidores no Instagram, dois se destacam: o Portal G1, do grupo Globo, que conta com 8,7 milhões de seguidores, e o Portal R7, do grupo Record, que conta com 6 milhões de seguidores na plataforma. Além destes, é possível identificar na rede páginas “alternativas” de notícias, ou seja, veículos não-profissionais de imprensa, sendo a Choquei uma das maiores, identificada com um total de 21,4 milhões de seguidores. Juntas, as três páginas somam mais de 36 milhões de seguidores, uma parcela significativa da população brasileira. São esses os três veículos utilizados para a coleta das informações deste estudo.

Analisando os portais de notícias selecionados, do dia 7 de outubro de 2023, quando se iniciou a nova onda de conflito, até o dia 20 de novembro de 2023, marco de início dessa pesquisa, portanto no intervalo de 44 dias, têm-se as seguintes informações: o Portal G1 realizou um total de 133 postagens relacionadas ao conflito israelo-palestino em sua página oficial no Instagram, o que representa três postagens por dia. O Portal R7 realizou 595 postagens, o equivalente a 14 postagens por dia. A página Choquei publicou um total de 84 postagens, que representa duas postagens por dia.

A amostra reunida consiste na seleção de três postagens nas respectivas plataformas. A primeira corresponde ao dia sete de outubro de 2023, com a notícia inicial dos ataques do Hamas, responsáveis por reanimar uma nova onda de conflito no Oriente Médio; a segunda corresponde a um momento de tensão, a explosão no hospital Ahli-Arab, na Cidade de Gaza, em 17 de outubro; e a terceira conforme a última postagem feita sobre o conflito, até o dia 20 de novembro de 2023, marco de início dessa pesquisa.

Os três posts do G1 reunidos para a amostra, totalizam, juntos, 157.300 curtidas e 10.066 comentários. Dentre as três postagens selecionadas do R7, observa-se um total de 33.725 curtidas e 1.833 comentários. Com a seleção da Choquei, percebe-se um total de 902.054 curtidas e 20.761 comentários. Nesse sentido, observa-se que o Portal R7 foi o que mais realizou postagens sobre o conflito israelo-palestino, quatro vezes mais que o G1 e sete vezes mais que a Choquei. Contudo, a página que conta com maior alcance e interação do público, sem sombra de dúvida, é a Choquei, que possui o dobro de comentários do público quando comparada ao G1 e onze vezes mais quando comparada ao R7.





percebe-se que os seguidores do Portal R7 se caracterizam por garantirem um amplo apoio à Israel, possuindo um posicionamento ideológico bastante alinhado a grupos conservadores, de clara orientação *bolsonarista*. O Portal G1, por sua vez, conta com um público mais heterogêneo, sendo possível notar disputas e insultos mútuos trocados entre defensores tanto de Israel quanto da Palestina, os primeiros, mais alinhados ao espectro conservador, com forte teor *bolsonarista*, e os segundos, a grupos progressistas, alinhados propriamente à esquerda, de forte teor *lulista*. Em relação ao público da Choquei, percebe-se que são seguidores com distintos perfis e orientações políticas. Há, indubitavelmente, atritos ideológicos entre eles, contudo, a disputa de partidários pro-israel e pro-palestina ficou em segundo plano, uma vez que a maior parte dos comentários, incluindo aqueles mais curtidos, consiste em lamentações sobre o horror da guerra.

Observando esse cenário, pode-se dizer que as últimas eleições brasileiras marcaram uma extrema polarização, o que levou Nunes e Traumann (2023) a afirmarem que: “em 2023, vivemos em Lulanaro, o país repartido entre lulistas e bolsonaristas” (p. 13). Essa polarização, por sua vez, é marcante nas plataformas de comunicação, não escapando aos grandes veículos de imprensa. Diante disso, observa-se, por exemplo, que a globo é corriqueiramente taxada de “petista” e “esquerdista” por grupos bolsonarista, e a Record, por sua vez, acusada de “conservadora” e “bolsonarista” por parte dos lulista. Por outro lado, a Choquei é identificada com o público mais diverso entre os três canais, esse, aparentemente, menos convicto partidariamente.

Diante disso, é interessante notar a capacidade de um conflito internacional, ocorrido no Oriente-Médio, em revelar fissões político-ideológicas internas aos brasileiros. Essa realidade se torna latente quando se percebe, nos comentários, disputas ideológicas entre apoiadores do presidente Lula e do ex-presidente Bolsonaro, que mobilizam termos em destaque na nuvem de palavras, como “presidente”, “Lula”, “Bolsonaro”, “petista”, “bolsonarista”, utilizando, também, ofensas e expressões que marcam o embate entre os dois espectros políticos, como “inelegível”, “pandemia”, “Amazônia”, “globolixo”, “motociatas”, “cloroquina”, “vacina” e “bozo”. Tal realidade revela não só a profunda cisão política vivida no Brasil nos últimos anos, mas também leva se pensar que ela extrapola as discussões do âmbito nacional, uma vez que está presente até mesmo nos conflitos ocorridos internacionalmente, como é o caso do israelo-palestino.

Além de tudo, é possível perceber que, a partir do mês de novembro, as postagens sobre o conflito israelo-palestino diminuíram em todas as plataformas analisadas, dando espaço para outras notícias, como eleições na Argentina, onda de calor no Brasil e shows de Taylor Swift e Banda Rebelde no país. Essa questão leva a se pensar que existe um tempo de vida útil para uma notícia em evidência na mídia, sendo muito noticiada de início, mas perdendo evidência ao longo do tempo, correndo o risco, até mesmo, de cair em esquecimento.

## Conclusão

Diante disso, pode-se dizer que o conflito israelo-palestino é complexo e sensível, pois desperta sentimentos e muita rivalidade, devendo, portanto, ser analisado cuidadosamente, buscando suas raízes, que remontam ao final do século XIX, quando a região da Palestina ainda pertencia ao Império Otomano. Mas, de fato, a questão determinante para a eclosão do conflito foi a criação, em 1948, do Estado de Israel, fato que intensificou o movimento sionista e as grandes imigrações judaicas para a Palestina, mas, por outro lado, intensificou também o nacionalismo árabe no Oriente-Médio, culminando na declaração de guerra de muitos países a Israel. O exército israelense se provou forte e avançou sobre a Palestina, como resultado, muitos palestinos foram expulsos de suas terras, se tornando refugiados, tal realidade alimentou o ressentimento e a hostilidade de palestinos contra o Estado de Israel e os próprios judeus, fortalecendo grupos revanchistas armados, como o Fatah, na Cisjordânia, e o Hamas, na Faixa de Gaza.

Na atualidade, com o advento da internet e a formação de uma *sociedade em rede*, as notícias sobre o conflito israelo-palestino correm o mundo em tempo real. Os embates, permeados por violência e crueldade, causam horror à comunidade internacional, o que contribui, indubitavelmente, para a criação de opiniões e o fortalecimento daquilo que Castells (2013) classifica como *redes de indignação social*, tanto pró-Palestina quanto pró-Israel, fenômeno que não escapa ao Brasil.

Ao analisar três veículos de notícias brasileiros, inseridos na plataforma instagram, é possível identificar certos posicionamentos entre o seu público, bem como a presença de tais redes de indignação. Percebe-se que as redes de apoio à Palestina estão, em geral, ligadas a grupos progressistas, alinhados à esquerda, enquanto que os defensores de Israel fazem parte,

geralmente, de grupos conservadores, alinhados ao espectro ideológico de direita. Nesse sentido, é espantoso como um conflito tão distante tem o poder de revelar fissões políticas internas ao Brasil, essencialmente entre *lulistas* e *bolsonaristas*.

Além disso, percebe-se que as páginas de fofoca e os veículos não-oficiais de notícias tem maior relevância entre os usuários do Instagram do que os veículos de imprensa profissionais, nesse sentido, essa pesquisa demonstra que a página do notícias e fofocas Choquei conta com mais seguidores, acessos e interação do público do que quando se comparada aos portais jornalísticos profissionais, duas vezes mais seguidores que o G1 e três vezes mais que o R7.

Por fim, observa-se que a cobertura e noticição do conflito israelo-palestino vem decaindo em todas as plataformas analisadas, bem como ocorreu com a Guerra entre Rússia e Ucrânia, muito noticiada de início, mas se exaurindo ao longo do tempo. Diante disso, é preciso ter cuidado para que o conflito israelo-palestino não caia em esquecimento, bem como para que as redes deixem de se indignar com a destruição e o sofrimento provocado por tal conflito.

## Referências

ALVES, Milton. *Palestina: Apartheid sionista e o colonialismo de Israel são as causas do conflito*. Brasil de Fato, Paraná, 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefatopr.com.br/2023/10/09/palestina-apartheid-sionista-e-o-colonialismo-de-israel-sao-as-causas-da-conflito>>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa-Portugal: Edições 70 Ltda., 1977.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Datafolha: *Pesquisa Eleitoral, Avaliação de Governo e Opinião*. Datafolha, 2023. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 4 dez. 2023.

GOOGLE TRENDS. *Google [online]*. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2023.

ROCHA, Ivan Esperança. *O conflito israelo-palestino: entre passado e presente. XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, SC, 2015. Disponível em: Acesso em: <[https://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1437877601\\_ARQUIVO\\_CONFLITOARABE-final.pdf](https://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1437877601_ARQUIVO_CONFLITOARABE-final.pdf)>. 4 dez. 2023.

RUAN, Janaina Araújo de. *Os reflexos do conflito israelo-palestino: negociações internacionais pela paz*. João Pessoa, 2015. TCC (Bacharelado em línguas estrangeiras aplicadas às negociações internacionais) - Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <[https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11109?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11109?locale=pt_BR)>. Acesso em: 06 jan. 2024.

SOUZA, Gisele. *Qual a rede social mais usada em 2023?* TechTudo, 2023. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.ghtml>>. Acesso em: 3 dez. 2023.

WASHINGTON STATE UNIVERSITY. *The Balfour Declaration (1917)*. Wsu.edu. Disponível em: <<https://brians.wsu.edu/2016/11/07/the-balfour-declaration-1917/>>. Acesso em: 23 jan. 2024.